

A MBOITATÁ¹

João Simões Lopes Neto

A Andrade Neves Neto



I

[151]² Foi assim:

Num tempo muito antigo, muito, houve uma noite tão comprida que pareceu que nunca mais haveria luz do dia.

Noite escura como breu, sem lume no céu, sem vento, sem serenada e sem rumores, sem cheiro dos pastos maduros nem das flores da mataria.

Os homens viveram abichornados, na tristeza dura; e porque churrasco não havia, não mais sopravam labaredas nos fogões e passavam comendo canjica insossa; os borralhos estavam se apagando e era preciso poupar os tições...

Os olhos andavam tão enfarados da noite que ficavam parados, horas e horas, olhando, sem ver as brasas vermelhas do inhanduvá... as brasas

¹ LOPES NETO, João Simões. A Mboitatá. In: __. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2024. p. 151-156. [1913]

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

somente, porque as faíscas, que alegram, não saltavam, por falta do sopro forte de bocas contentes.

Naquela escuridão fechada nenhum tapejara seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo, nenhum flete crioulo teria faro nem ouvido nem vista para bater na querência; até nem sorro daria no seu próprio rastro!

E a noite velha ia andando... ia andando...

II

Minto:

No meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, ora duma banda, ora doutra, de vez em quando, uma cantiga forte, de bicho vivente, furava o ar; era o téu-téu ativo, que não dormia desde o entrar do último sol e que vigiava [152] sempre, esperando a volta do sol novo, que devia vir e que tardava tanto já...

Só o téu-téu de vez em quando cantava; o seu *quero-quero!* tão claro, vindo de lá do fundo da escuridão, ia aguentando a esperança dos homens, amontoados no redor avermelhado das brasas.

Fora disto, tudo o mais era silêncio; e, de movimento, então, nem nada.

III

Minto:

Na última tarde em que houve sol, quando o sol ia descambando para o outro lado das coxilhas, rumo do minuano, e de onde sobe a estrela-d'alva,

nessa última tarde também desabou uma chuvarada tremenda; foi uma manga d'água que levou um tempão a cair, e durou... e durou...

Os campos foram inundados; as lagoas subiram e se largaram em fitas coleando pelos tacuruzais e banhados, que se juntaram, todos, num; os passos cresceram e todo aquele peso d'água correu para as sangas e das sangas para os arroios, que ficaram bufando, campo fora, campo fora, afogando as canhadas, batendo no lombo das coxilhas. E nessas coroas é que ficou sendo o paradoro da animalada, tudo misturado, no assombro. E eram terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains, tudo amigo, de puro medo. E então!...

Nas copas dos butiás vinham encostar-se bolos de formigas; as cobras se enroscavam na enrediaça dos aguapés; e nas estivas do santa-fé e das tiriricas, boiavam os ratões e outros miúdos.

E, como a água encheu todas as tocas, entrou também na da cobra-grande, a boiguaçu, que, havia já muitas mãos de luas, dormia quieta, entanguida. Ela então acordou-se e saiu, rabeando.

[153] Começou depois a mortandade dos bichos e a boiguaçu pegou a comer as carniças. Mas só comia os olhos e nada, nada mais.

A água foi baixando, a carniça foi cada vez engrossando e, a cada hora, mais olhos a cobra-grande comia.

IV

Cada bicho guarda no corpo o sumo do que comeu.

A tambeira que só come trevo maduro dá no leite o cheiro doce do milho verde; o cerdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de

mandioca o limpam bem; e o socó tristonho e o biguá matreiro até no sangue têm cheiro de pescado. Assim também nos homens, que até sem comer nada dão nos olhos a cor de seus arrancos. O homem de olhos limpos é guapo e mão-aberta; cuidado com os vermelhos; mais cuidados com os amarelos; e toma tendência dobre com os raiados e baços!...

Assim foi também, mas doutro jeito, com a boiguaçu, que tantos olhos comeu.

V

Todos — tantos, tantos! que a cobra-grande comeu —, guardavam, entranhado e luzindo, um rastilho da última luz que eles viram do último sol, antes da noite grande que caiu... E os olhos — tantos, tantos! — com um pingo de luz cada um, foram sendo devorados; no princípio, um punhado, ao depois, uma porção, depois, um bocadão, depois, como uma braçada...

VI

E vai, como a boiguaçu não tinha pelos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca [154] como o tatu, nem couro grosso como a anta, vai, o seu corpo foi ficando transparente, transparente, clareado pelos miles de luzezinhas, dos tantos olhos que foram esmagados dentro dele, deixando cada qual sua pequena réstia de luz. E vai, afinal, a boiguaçu toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela e triste e fria, saída dos olhos, que fora guardada neles, quando ainda estavam vivos...

VII

Foi assim e foi por isso que os homens, quando pela vez primeira viram a boiguaçu tão demudada, não a conheceram mais. Não conheceram e julgando que era outra, muito outra, chamam-na desde então de boitatá, cobra de fogo, boitatá, a boitatá!

E muitas vezes a boitatá rondou as rancherias, faminta, sempre que nem chimarrão. Era então que o téu-téu cantava, como bombeiro.

E os homens, por curiosos, olhavam pasmados, para aquele grande corpo de serpente, transparente — *tatá*, de fogo —, que media mais braços que três laços de conta e ia alumando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a boitatá ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, que já os das carniças a enfaravam...

VIII

Mas, como dizia:

Na escuridão só avultava o clarão bago do corpo da boitatá, e era por ela que o téu-téu cantava de vigia, em todos os flancos da noite.

Passado um tempo, a boitatá morreu; de pura fraqueza morreu, porque os olhos comidos encheram-lhe o [155] corpo, mas não lhe deram sustância, pois que sustância não tem a luz que os olhos em si entranhada tiveram quando vivos...

Depois de rebolar-se rabiosa nos montes de carniça, sobre os couros pelados, sobre as carnes desfeitas, sobre as cabelamas soltas, sobre as ossamentas desparramadas, o corpo dela desmanchou-se, também como coisa da terra, que se estraga de vez.

E foi então, que a luz que estava presa se desatou por aí.

E até pareceu coisa mandada, o sol apareceu de novo!

IX

Minto:

Apareceu, sim, mas não veio de supetão. Primeiro, foi-se adelgaçando o negrume, foram despontando as estrelas; e estas se foram sumindo no coloreado do céu; depois foi sendo mais claro, mais claro, e logo, na lonjura, começou a subir uma lista de luz... depois a metade de uma cambota de fogo... e já foi o sol que subiu, subiu, subiu, até vir a pino e descambar, como dantes e, desta feita, para igualar o dia e a noite em metades, para sempre.

X

Tudo o que morre no mundo se junta à semente de onde nasceu para nascer de novo: só a luz da boitatá ficou sozinha, nunca mais se juntou com a outra luz de que saiu.

Anda sempre arisca e só, nos lugares onde quanto mais carniça houve, mais se infesta. E no inverno, de entanguida, não aparece e dorme, talvez entocada.

Mas de verão, depois da quentura dos mormaços, começa então o seu fadário.

[156] A boitatá, toda enroscada, como uma bola — *tatá*, de fogo! — empeça a correr o campo, coxilha abaixo, lombaa acima, até que horas da noite!...

É um fogo amarelo e azulado, que não queima a macega seca nem aquece a água dos mananciais; e rola, gira, corre, corcoveia e se despenca e arreventa-se, apagado... e, quando um menos espera, aparece, outra vez, do mesmo jeito!

Maldito! Tesconjuro!

XI

Quem encontra a boitatá pode até ficar cego... Quando alguém topa com ela, só tem dois meios de se livrar: ou ficar parado, muito quieto, de olhos fechados apertados e sem respirar, até ir-se ela embora, ou, se anda a cavalo, desenrodilhar o laço, fazer uma armada grande e atirar-lha em cima, e tocar a galope, trazendo o laço de arrasto, todo solto, até a ilhapa!

A boitatá vem acompanhando o ferro da argola... mas, de repente, batendo numa macega, toda se desmancha e vai esfarinhando a luz, para emulitar-se de novo, com vagar, na aragem que ajuda.

XII

Campeiro precatado! reponte o seu gado da querência da boitatá: o pastíçal, aí, faz peste...

Tenho visto!



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

